

Barack Obama e a representação de identidades híbridas na mídia

Paulo Roberto Figueira Leal & Vinícius Werneck Barbosa Diniz
Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
E-mail: pabeto.figueira@uol.com.br, werneck.ri@gmail.com

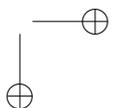
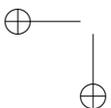
A identidade na pós-modernidade e o papel da mídia

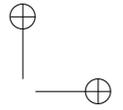
PETER Berger e Thomas Luckmann (1985), num clássico trabalho da sociologia do conhecimento, sustentam que a realidade é socialmente construída. Na experiência da vida cotidiana, o ser humano partilha sua existência com os demais à sua volta, num processo de interações sociais (e, portanto, de interações comunicativas mediadas pela linguagem) que é fundamental para a produção de sentidos e de auto-sentidos. A socialização ocorre por meio da dialética interiorização-exteriorização:

A formação da consciência do outro generalizado marca uma fase decisiva na socialização. Implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade contínua e coerente. A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização. (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 179)

Segundo Berger e Luckmann, o que chamamos de realidade não pode ser dissociado dos processos de socialização primária (experimentada na infância) ou secundária (interiorização, pelo indivíduo já socializado, de valores de submundos institucionais). É a partir das interações a que somos submetidos ao longo da vida, de nossas relações comunicativas com os outros e da constituição de um universo simbólico que percebemos a realidade a partir de determinados enquadramentos específicos e criamos um significado para o mundo e para nós mesmos.

Outros autores vinculados à tradição teórica do interacionismo simbólico, como Goffman (1974; 1999), aprofundam o debate sobre os enquadramentos, entendidos como modelos de interpretação e seleção que definem ênfases e





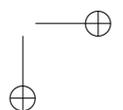
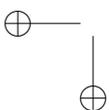
exclusões utilizadas para organizar o discurso. Este conceito foi apropriado pelos estudos da área de comunicação. Como ressalta Todd Gitlin (1980), o enquadramento de mídia é crucial para o entendimento de como se dá o processo de produção do discurso jornalístico, no qual certos enfoques são privilegiados em detrimento de outros.

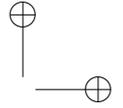
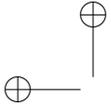
Mas não é apenas a herança do interacionismo simbólico que insiste na tese de que os indivíduos estruturam suas identidades a partir dos valores culturais e dos artefatos simbólicos disponíveis naquele determinado lugar e naquele determinado tempo. Correntes as mais diversificadas (vide os múltiplos olhares antropológicos e sociológicos que apontam as identidades como fenômenos discursivos, mais do que como fatos *naturais* ou *essenciais*) convergem para uma ênfase na questão identitária como processo de reconhecimento reflexivo e comunicativo.

Mesmo numa leitura ortodoxa do marxismo, o processo de adesão e auto-percepção identitária de classe, por exemplo, não se dá apenas por motivações objetivas. O próprio Marx, ao diferenciar os conceitos de *ser em si* e *ser para si*, caminha nesse sentido. Ele supõe, por exemplo, que o fato de um indivíduo ter nascido proletário não necessariamente o ativa politicamente para a luta proletária. É quando ele adquire consciência de classe ou seja, *percebe-se* proletário e compreende as implicações disso decorrentes que se está diante de alguém com capacidade de interferir na realidade.

Mas momento algum foi mais desafiador para as identidades tradicionais (de classe, étnicas, etc.) do que a contemporaneidade. O sujeito pós-moderno¹ explicita melhor que qualquer outro os paradoxos identitários. Stuart Hall defende que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o

¹O momento atual da história aparece na teoria de diversos pensadores contemporâneos com nomes distintos: Zygmunt Bauman dá o nome de modernidade líquida; Stuart Hall de modernidade tardia; Gilles Lipovetsky, que já reconhecera esse momento como pós-modernidade, defende atualmente como mais apropriado o conceito de hipermodernidade. Lipovetsky, em uma entrevista ao grupo Cibercidades, da UFBA, assim se pronuncia sobre o termo pós-modernidade: Eu fui um dos teóricos que popularizou o termo, assim como outros, é claro. Quando eu abordei essa noção de pós-moderno, o fiz numa tentativa de explicar fatos novos e uma nova realidade. Os fatos que eu estava assinalando, assim como os demais teóricos, são bem pontuais: o fim das ideologias, o surgimento de uma nova cultura hedonista, o destino da comunicação e do consumo de massa, o psicologismo, o culto do corpo (LIPOVETSKY, 2008).





indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2000, p. 7).

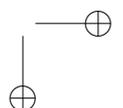
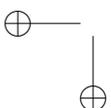
Portanto, identidades não são fenômenos naturais ou essenciais ao contrário, são simbólico-discursivos e narrativos. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2000, p. 13).

No sujeito pós-moderno, convivem não duas ou três identidades, mas uma miríade delas, contraditórias e fragmentárias. Conforme Hall, uma celebração do móvel (2000, p. 13). Há diferentes identidades, assumidas não mais biologicamente, mas historicamente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2000, p. 13).

Certamente uma das variáveis a produzir estes deslocamentos identitários são os meios de comunicação de massa. O fato de que a maior parte das informações que recebemos sobre o mundo se dá por meios de massa já indica a importância dessas estruturas de mediação. O processo impacta todas as áreas inclusive a formação, consolidação ou modificação das identidades políticas (ideológicas, partidárias ou de pertença a um grupo político permanente ou conjuntural).

As falas dos políticos, as repercussões de polêmicas, os discursos e contradiscursos, provocações e réplicas, são publicizadas preferencialmente pelos meios de comunicação televisão, rádio, impressos, internet. Quantas pessoas conversaram com os candidatos a algum cargo político como o de Presidente da República antes de votar? Quantas pessoas ouviram diretamente os discursos dos candidatos? Quantos, por sua vez, tiveram acesso a esses debates apenas por meio da televisão? Certamente um número infinitamente maior enquadra-se na resposta à última pergunta.

Muitas vezes a realidade mediada se torna mais verossímil ao sujeito pós-moderno do que o próprio fato. As cores na televisão se tornam mais verdadeiras. São frequentes os relatos sobre garotos que reclamam, quando assistem ao primeiro jogo num estádio de futebol. Por que motivo? Aqui não tem replay, respondem. Onde ficam nesse estádio os diversos ângulos exclusivos? A realidade mediada em certo sentido substitui o evento real no imaginário popular. Gomes (2005) diz que, agora, é lógica midiática que controla a esfera



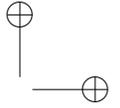
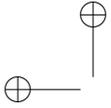
da visibilidade pública. Vaclav Havel, em citação de Fallows, contextualiza a questão:

Fico sempre impressionado quando verifico o quanto estou à mercê dos diretores e editores de televisão; o quanto a minha imagem pública depende muito mais deles do que de mim mesmo. Sei de políticos que aprenderam a se ver exatamente como são vistos pelo olho da câmera. A televisão, de uma certa forma, parece ter se apropriado das suas personalidades para transformá-las em algo como sombras televisivas deles mesmos. Eu, às vezes, me pergunto se eles tomam cuidado para dormir de um jeito que pareça bem na telinha. (FALLOWS apud GOMES, 2004, p. 66)

Na questão específica das identidades, os meios de comunicação configuram um espaço fundamental. Exemplos não faltam – a BBC Brasil, em sua página na internet, publicou no dia 27 de março de 2008 uma matéria com a manchete: *Homem que era mulher anuncia estar grávido*. O subtítulo torna o fato mais interessante: *Thomas Beatie é considerado homem perante a lei americana*. A questão se esclarece no seguinte fragmento da matéria:

O transexual americano Thomas Beatie anunciou estar grávido de uma menina e deve dar à luz em julho deste ano, apesar da oposição da classe médica, de parentes e amigos. Em depoimento prestado à revista dirigida a homossexuais The Advocate, Beatie, que nasceu mulher, mas trocou de sexo há oito anos, conta que sua mulher de dez anos, Nancy, sofreu uma histerectomia – retirada do útero – no passado e, quando o casal decidiu iniciar uma família, coube a ele engravidar. (...) [Beatie afirma que] quando o casal decidiu ter um filho, ele parou de tomar suas doses regulares de testosterona e voltou a ovular naturalmente, não sendo necessário o uso de nenhuma droga para aumentar a fertilidade. Eu sou um transexual, legalmente um homem, e legalmente casado com Nancy, diz ele na revista. Conto com todos os direitos federais de um casamento. Quando trocou de sexo, Beatie se submeteu a uma mastectomia – teve seus seios retirados – e iniciou uma terapia com hormônios masculinos. “Mas mantive meus direitos reprodutivos”, diz ele, esclarecendo que a sua mudança de sexo não incluiu nenhuma modificação dos seus órgãos sexuais femininos. (BBC, acessado em 8 de abril de 2008)

Em um vídeo do mesmo site, há um trecho em que uma famosa apresentadora americana, Oprah Winfrey, entrevista Thomas Beatie. Segue a transcrição do vídeo, conforme legendas embutidas pela BBC:



Thomas Beatie – Sabe, eu tenho uma identidade de gênero masculino muito estável. Eu encaro gravidez como um processo. E isso não determina quem eu sou.

Oprah Winfrey – Entendi. Estou conhecendo um mundo novo. Então, quando você decidiu, você manteve seus órgãos reprodutivos porque você pensou: Talvez um dia eu precise deles.

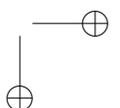
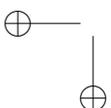
Thomas Beatie – Sim. Porque eu sinto que não é um desejo masculino ou feminino querer ter um filho. É um desejo humano. E eu sou uma pessoa e tenho o direito de ter meu próprio filho biológico.

Oprah Winfrey – Sim, você tem esse direito.

Para o sujeito pós-moderno, a identidade não segue qualquer sentido biológico ou tradicional. A fácil definição de mulher até a prevalência do Sujeito Cartesiano não se sustenta na modernidade tardia. Tanto a identidade feminina quanto a masculina são fragmentárias na pós-modernidade. Não há definições precisas, pois identidade é construção discursiva: não tem necessariamente apoio biológico, não tem necessariamente essência inerente, é fragmentária, e, sobretudo, não reside sozinha no sujeito.

Identidades multifacetadas se confundem, anulando-se (ou não) e balanceando-se a depender de numerosos fatores e formando *híbridos identitários*. Mas como identidades são construídas em um mundo cada vez mais mediado, em um mundo muitas vezes apenas conhecido pelo olhar dos meios de comunicação de massa? Uma fértil arena para essa discussão foi a eleição, em 2008, de Barack Obama para a Presidência dos EUA.

Um momento ímpar em que um homem negro (filho de uma mulher branca do Kansas e de um negro do Quênia, e que morou quatro anos num país de maioria muçulmana, a Indonésia) venceu a disputa interna do Partido Democrata e, depois, as eleições e o fez com uma base discursiva completamente nova para um candidato oriundo da comunidade afroamericana. Como se projetou esta identidade híbrida no contexto das prévias do Partido Democrata? Qual foi a projeção identitária de Obama por ele mesmo e pela mídia norte-americana naquele momento? Esta é a discussão que segue.



As primárias democratas e o caso Obama: *too black or not black enough*

Entre 3 de janeiro e 3 de junho de 2008, todos os estados norte-americanos fizeram primárias ou *caucus* para decidir como alocar os delegados que votaram na Convenção Nacional do Partido Democrata, entre 25 e 28 de agosto daquele ano, em Denver, capital do Colorado (THE GREEN PAPERS, 2008).

Naquele sistema eleitoral, cada estado possui um número pré-estabelecido de delegados que leva em conta principalmente a porcentagem de votos em candidatos democratas nas últimas três eleições presidenciais e o percentual de votos que cada estado tem no Colégio Eleitoral dos Estados Unidos. Cada delegado dos 50 estados norte-americanos, do Distrito de Columbia e de Porto Rico possui um voto, enquanto os delegados da Samoa Americana, das Ilhas Virgens, da Ilha de Guam e da associação Democrats Abroad (que reúne Democratas vivendo temporariamente ou não no exterior) possuem meio voto cada.

Os delegados são escolhidos com o entendimento de que vão apoiar um candidato específico na Convenção Nacional. Entretanto, não são obrigados a votar nesses candidatos, mesmo após o acordado. Por isso, os candidatos têm permissão para revisar os delegados escolhidos e excluir da lista qualquer um que eles considerem não-confiável (CNN, 2008).

Para ser indicado a concorrer à presidência, o candidato democrata deve angariar 2024 delegados até a convenção. Além dos 3253 delegados escolhidos pelo sistema descrito, existem 794 delegados chamados de Super-delegados. Eles normalmente são membros do Congresso, governadores, membros do comitê nacional ou líderes partidários como ex-presidentes e ex-vice-presidentes. Eles não têm qualquer necessidade de seguir indicações externas. São livres para escolher quaisquer dos concorrentes à vaga de presidenciável do Partido Democrata (CNN, 2008).

O Partido Democrata utiliza a representação proporcional nas primárias. Se um candidato recebe 40% de votos, recebe também 40% dos delegados. Entretanto ele deve receber no mínimo 15% dos votos. Se receber 14%, por exemplo, não recebe qualquer delegado (apenas no processo de primária do Partido Republicano existe, além da representação proporcional, um modelo chamado O ganhador leva tudo – *Winner take all*) (CNN, 2008). Para receber

o apoio de Super-delegados não há qualquer processo oficial. Como eles são livres para escolher qualquer candidato e não precisam indicar seu apoio até o dia da votação, os candidatos usam diversas formas de persuasão (CNN, 2008).

Em 2008, no começo das primárias do Partido Democrata, oito candidaturas foram lançadas. Ao fim do primeiro mês, quando John Edwards suspendeu sua candidatura, restaram na disputa a Senadora por Nova Iorque Hillary Clinton e o Senador por Illinois Barack Obama. As primárias do Partido Democrata criaram um fenômeno de participação popular e arrecadações-recorde de dinheiro para as campanhas.

O interesse público pelas prévias se intensificou após seis candidatos terem se retirado da corrida todos homens brancos, fazendo com que a decisão sobre qual seria o presidenciável democrata pairasse entre um homem negro ou uma mulher branca. Sem dúvida, uma arena privilegiada para a discussão das questões identitárias e do papel da mídia na vida contemporânea. O objetivo do presente artigo é analisar a representação identitária de Barack Obama durante a primária democrata, nesse rico contexto de uma sociedade intensamente mediada pela comunicação de massa.

Barack Obama nasceu no Havaí em 4 de agosto de 1961. Filho de uma mulher branca do Kansas e de um homem negro do Quênia, Obama viveu por quatro anos na Indonésia, o país com maior população muçulmana do mundo. Estudou na Universidade de Columbia e depois na Universidade de Harvard, um dos mais prestigiados centros de ensino do mundo. Foi o primeiro presidente afroamericano da *Harvard Law Review*, uma organização gerida por estudantes da faculdade de direito de Harvard. Em 2004 tornou-se o terceiro afroamericano a ser eleito para o senado dos Estados Unidos após a guerra civil americana.

O parágrafo acima é metalinguístico: ao mesmo tempo que informa sobre a vida de alguém, informa sobre o próprio processo de narrativa identitária que aqui se discute. Na verdade, acaba-se de explicitar a narrativa do eu (HALL, 2000) proposta por Obama sobre si mesmo: o texto reproduz aquilo que aparecia no *site* oficial da campanha, precedendo o histórico de suas lutas políticas. Juntamente com duas referências à sua origem afroamericana, há diversas menções a êxitos e ao ineditismo desses fatos para um homem negro. Essa mistura de referências à sua origem e aos seus sucessos pode ter diversas

interpretações. Os sucessos são sempre acompanhados de frases que demonstram como isso é raro entre seus iguais: primeiro afroamericano, terceiro etc.

Um sujeito que não acredita na capacidade de afrodescendentes diria que Obama é diferente. Apesar de negro, tem capacidade de fazer coisas como estudar em Harvard e chegar ao Senado.

Um afro-descendente diria que Obama prova para toda a nação que a raça não impõe limites e os negros podem fazer tanto quanto os brancos.

Um leitor não-preconceituoso admiraria a capacidade de Obama de chegar no lugar em que está agora, conseguindo feitos inéditos em sua trajetória, como assumir a presidência da organização estudantil em Harvard.

Hall (2000, p. 19) chama isso de jogo das identidades. A mesma construção textual se esforça em agradar leitores auto-referenciados por identidades diferentes: Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada (HALL, 2000, p. 21).

Se identidade é representação, é construção discursiva, os candidatos numa campanha eleitoral têm o grande desafio de se apresentar da maneira mais palatável ao eleitor (e aos distintos segmentos do eleitorado). Obama tinha ainda maior desafio no jogo das identidades do que maior parte dos políticos. Em um país historicamente produtor de elites políticas brancas, anglo-saxônicas e protestantes, Obama era um cristão (de congregação minoritária), negro e que morou em país islâmico.

Mas a dificuldade de permanecer em um entre-lugar² já havia se tornado evidente em alguns momentos. Comentaristas e personagens famosos da política americana (como o Reverendo Jesse Jackson, ex-candidato à presidência), aproveitaram-se dessa estratégia discursiva para acusar Obama de não agir como negro. Isso ocorreu, por exemplo, após o caso de uma briga interracial em uma escola na cidade de Jena, Louisiana, em dezembro de 2006, e da acusação de que a justiça teria usado de um rigor acima do usual ao julgar os seis afro-americanos envolvidos. Jesse Jackson que depois apoiaria Obama – disse então ao repórter S. C. Burris:

Obama está agindo como se fosse branco³ (FOX NEWS, 2008, tradução nossa).

²Conceito utilizado por Homi Bhabha (2001) para designar a situação de sujeitos que se situam nos interstícios entre identidades fixas

³[Obama is] acting like he's a white

O diapasão discursivo de Jackson sugere que há um modo branco de se agir e, conseqüentemente porque quando digo o que sou, digo também o que não sou, um modo negro ou um modo latino ou hispânico.

Fryer (FRYER, 2006), pesquisador da Universidade de Harvard, demonstrou em pesquisa a perversidade que, diversas vezes, o jogo identitário patrocina. As identidades minoritárias pagam um alto preço, segundo Fryer, quando se destacam nas escolas americanas. O fenômeno que ele chama de *acting white* (agindo como branco ou brancamente) postula que alunos de minorias étnicas dos EUA perdem assustadoramente popularidade quando começam a ter índices de rendimentos mais altos, enquanto alunos brancos têm sua popularidade aumentada quanto mais aumentam suas notas.

Fryer cita os estudos de Angela Neal-Barnett, nos quais estudantes indicaram comportamentos que se enquadrariam na categoria *acting white*: falar um inglês padrão, estar envolvido em uma classe para alunos avançados ou em uma classe por honras, usar roupas da Gap ou da Abercrombie & Fitch (em vez de Tommy Hilfiger ou FUBU) e usar shorts no inverno.

O problema dessa situação reside no fato que as críticas ao rendimento acadêmico (ou a outros comportamentos) gera uma pressão social nas minorias para que se fechem em seus grupos e não busquem locais de destaque na sociedade. Fryer (2006) sugere ao fim do artigo a busca de novas identidades: no lugar de um fechamento em torno da própria identidade, uma luta pelo rompimento das fronteiras dentro das escolas americanas.

É aí que Obama pareceu, mais do que outras lideranças negras que o antecederam, defender uma visão menos estática ou monolítica de identidade. No discurso *A more perfect union*, proferido logo após as declarações do Reverendo Jeremiah Wright, Barack Obama comentava sobre acusações como a de Jesse Jackson de que ele estaria *acting white*:

Isso não é para dizer que raça não tem sido uma questão na campanha. Em variados palcos nessa campanha, alguns comentaristas têm me condenado tanto de negro demais quanto de não negro o bastante. Nós vimos tensões raciais virem à superfície durante a semana que antecedeu a primária da Carolina do Sul. (OBAMA, 2008, tradução nossa)⁴

⁴*This is not to say that race has not been an issue in the campaign. At various stages in the campaign, some commentators have deemed me either “too black” or “not black enough”. We saw racial tensions bubble to the surface during the week before the South Carolina primary.*

Obama reconhecia no discurso o que demonstrava ser frequente o recebimento desta crítica – a afirmação de que ele seria *too black or not black enough* (negro demais ou não negro o bastante). Tratava-se de algo relativamente novo na política norte-americana. Conforme Hall (2000, p. 45), a tendência de reificação das identidades tem sido, há décadas, a política preferencial dos movimentos sociais: cada movimento apelava para a *identidade* social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas. E continua: Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* uma identidade para cada movimento.

Era isso que alguns setores cobravam então de Obama: um candidato negro deve sustentar uma *política de identidade* negra. Mas era desse debate racial que às vezes Obama tentava escapar, como na resposta que deu a Jesse Jackson, quando acusado de agir como branco: Jena 6 (forma como eles chamaram o episódio acima descrito dos seis jovens negros) não é uma questão de negros e brancos. É uma questão de certo e errado. Nós deveríamos nos levantar como uma nação em oposição a essa e a qualquer injustiça⁵ (FOX NEWS, 2008, tradução nossa).

Haveria então um dilema entre Tradição e Tradução (HALL, 2000, p. 88) nas escolhas discursivas de Obama? Se grande parte das lideranças negras praticou uma *política de identidade*, reforçando a ideia (Tradição) de negritude, estaria Obama construindo uma outra representação para a negritude, mais maleável, negociável e hibridizada (configurando, portando, como uma Tradução)?

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2000, p. 63)

⁵Jena 6 isn't a matter of black and white. It's a matter of right and wrong. We should stand as one nation in opposition to this and any injustice

Se o conceito de raça não tem qualquer validade científica (HALL, 2000. p. 62), a análise das construções discursivas de Obama pode demonstrar como o próprio conceito de negritude desloca-se no tempo e no espaço. Como a identidade é criada pela diferença, produzindo alteridade, o posicionamento discursivo de Obama conduziu o debate para um terreno mais flexível e no qual as velhas fronteiras raciais perdiam solidez.

Visão totalmente distinta foi a manifestada por Jeremiah Wright, o guia espiritual de Obama, que ficou famoso em todas as TVs dos EUA, assim como no YouTube, por conta de seus acalorados sermões. As TVs repetiram à exaustão a preleção, comentando cada frase e fazendo entrevistas ao vivo com todos os possíveis personagens ligados à história. O discurso de Obama citado acima, de 37 minutos, foi uma réplica aos sermões de Wright.

Em um deles o Reverendo condenava os Estados Unidos pelo 11 de Setembro, dizendo que os atentados eram consequência da atitude americana em relação ao resto do mundo. Mais à frente ele criticava Hillary Clinton:

Simplesmente veio para mim dentro das últimas semanas, todos vocês, por que tantas pessoas estão odiando Barack Obama. Ele não encaixa no modelo. Ele não é branco, ele não é rico, ele não é privilegiado. Hillary se encaixa no modelo. Europeus se encaixam. Giuliani se encaixa. Homens brancos e ricos se encaixam. Hillary nunca teve um Taxi passando direto e não parando porque sua pele era da cor errada. (...) Hillary não foi um menino negro morando com uma mãe solteira, Obama sim. Barack sabe o que significa ser negro vivendo em um país e em uma cultura que é controlada por gente branca e rica. Hillary nunca poderá entender o que é isso. Hillary nunca será chamada de preta (nigger: palavra extremamente ofensiva nos Estados Unidos). Hillary nunca teve a sua gente definida como não-pessoas. (WRIGHT, tradução nossa)⁶

O mais marcante no discurso do Reverendo era a força que ele imprimia no discurso da diferença. Ele marcava a alteridade a cada momento, pontuando

⁶It just came to me within the past few weeks, y'all, why so many folks are hating on Barack Obama. He doesn't fit the model. He ain't white, he ain't rich, and he ain't privileged. Hillary fits the mold. Europeans fit the mold, Giuliani fits the mold. Rich white men fit the mold. Hillary never had a cab whiz past her and not pick her up because her skin was the wrong colour. (...) Hillary was not a black boy raised in a single parent home, Barack was. Barack knows what it means to be a black man living in a country and a culture that is controlled by rich white people. Hillary can never know that. Hillary ain't never been called a nigger. Hillary has never had her people defined as non-persons.

o que fazia de Obama um bom candidato e de Hillary uma má candidata. Obama era um igual, já que o reverendo falava para a plateia de uma igreja negra (*Black Church*).

No fim da fala do pastor, ele reclamava ter tido sua gente chamada, alguma vez, de *non-persons*, não-pessoas. A fala do pastor refletia a histórica posição das lideranças políticas negras: para afirmar-se como negro, é preciso negar a América branca. O que fez de Obama uma novidade na política norte-americana foi exatamente o deslocamento do debate: a negritude defendida por ele era híbrida, era capaz de ultrapassar as fronteiras, era, em certo sentido, pós-moderna.

Considerações finais

O palco onde efetivamente ocorreram as disputas das primárias democratas foi a mídia: mais relevantes do que os fatos da campanha em si foram as repercussões desses fatos nos meios de comunicação de massa (e essa repercussão nem mesmo se limitou a fatos novos; no caso de Jena, por exemplo, os episódios remontavam a dezembro de 2006). O episódio só adquiriu plena importância devido à acalorada discussão, na mídia, entre Jesse Jackson e Obama sobre como o segundo encarava a questão racial.

Como conselheiro espiritual de Obama, o que disse o reverendo Wright em um sermão ocorrido alguns dias após o 11 de Setembro (WRIGHT, 2008), portanto há mais de seis anos do momento em que a questão chegou à opinião pública, repercutiu no debate eleitoral de 2008 simplesmente porque foi recuperado pela mídia (os vídeos foram dos mais assistidos no Youtube). A condenação à América (Deus desgrace a América!, gritou Wright do púlpito) só chegou ao debate público pelas estruturas comunicacionais mediadoras.

Em todas as principais polêmicas, assim como nas respostas de Obama, a mídia teve papel fundamental. Toda a informação que circulou em impressos, rádios, TVs e websites constituiu não somente a base a partir da qual milhões de americanos formaram suas opiniões eleitorais: representou um episódio especialmente ilustrativo para a discussão de como se colocam as questões identitárias em nosso tempo, a partir da dicotomia Tradição-Tradução.

As velhas lideranças do movimento social negro (das quais é representante, por exemplo, o Reverendo Jeremiah Wright) veem a questão da raça

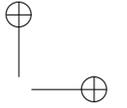
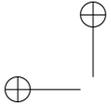
ainda a partir de um viés *sólido*. Essa é a mensagem de seu sermão, citado ao longo do texto: Hillary não é negra, ela não sabe o que é ser um negro. Conclusão: não serve para ser candidata dos negros. Essa é uma tentativa de reforçar a Tradição, mantendo as identidades segregadas e construídas sem negociação.

O que Barack Obama articulou no *jogo das identidades*, precavendo-se para não parecer renegar sua identidade negra, foi justamente uma maior superfície de contato identitário com a alteridade, um hibridismo bem ao gosto da pós-modernidade. Esse modo de se posicionar frente à questão racial foi útil às pretensões eleitorais de Obama – o que não significa que ele não acreditasse no que dizia. A (auto)representação que Obama projetou e que foi projetada pelos meios de comunicação de massa constituiu, portanto, um objeto de pesquisa duplamente pertinente: por um lado, serviu como exemplo do papel da mídia nos processos eleitorais; por outro lado, prestou-se, sobretudo, à compreensão de como o debate sobre identidades pós-modernas encontra espaço no mundo real, e não apenas em teorias abstratas.

Referências

- BBC. *Homem que era mulher anuncia estar grávido*. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080327_transsexualgravido_ba.shtml. Acessado em: 8 abril 2008.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- CNN. *Delegate Explainer*. Disponível em: <http://www.cnn.com/2008/POLITICS/01/02/delegate.explainer/index.html>. Acessado em: 10 abril 2008.
- FOX NEWS. *Report: Jesse Jackson Says Barack Obama 'Acting White' in Case of Six Blacks Accused in Assault Case*. Politics. Disponível em: <http://www.foxnews.com/story/0,2933,297332,00.html>. Acessado em: 10 abril 2008.

- FRYER, Roland. *Acting White*. Publicado no caderno Education Next, vol. 6, n. 1. Disponível em: <http://www.hoover.org/publications/ednext/3212736.html>. Acessado em: 9 abril 2008.
- GITLIN, Todd. *The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left*. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Harper and Row, 1974.
- GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulos, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Cibercidades*. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/cibercidades/lipovetsky.pdf>. Acessado: 10 abril 2008.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *The Communist Manifesto*. Penguin Classics, 2002.
- REAL CLEAR POLITICS. *2008 Democratic Delegates*. Disponível em: http://www.realclearpolitics.com/epolls/2008/president/democratic_delegate.count.html. Acessado em: 9 abril 2008.
- OBAMA, Barack. *A more perfect union*. Discurso. Disponível em: http://www.barackobama.com/2008/03/18/remarks_of_senator_barack_obam_53.php. Disponível em vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=pWe7wTVbLUU>. Acessos em: 10 abril 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- THE GREEN PAPERS. *Democratic Delegate Allocation 2008*. Disponível em: <http://www.thegreenpapers.com/P08/D-Alloc.phtml#Terr>. Acessado em: 10 abril 2008.



WRIGHT, Jeremiah. *Obama doesn't fit the model*. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=hAYe7MT5BxM&feature=related>.
Acessado em: 9 abril 2008.

